

Empurrados à ação

Indignação e mobilização da sociedade por crimes de gênero hediondos obrigam autoridades de países conservadores a agirem com firmeza para capturar autores



Pressão nas ruas. A atriz nigeriana Mama G lidera uma manifestação reunindo, em Lagos, representantes da sociedade civil e celebridades pela libertação das mais de 200 adolescentes ainda em poder do grupo radical Boko Haram

NIGÉRIA

Governo anuncia ofensiva para resgatar meninas sequestradas

Um mês e meio após rapto de quase 300 estudantes, presidente promete derrotar extremistas islâmicos do Boko Haram

MARINA GONÇALVES
marina.goncalves@oglobo.com.br

Dois dias depois de descartar o uso da força para libertar as jovens sequestradas há um mês e meio no Norte da Nigéria — para não pôr a vida das estudantes em risco — o presidente Goodluck Jonathan disse ontem que ordenou uma “operação de grande escala” contra o grupo islâmico Boko Haram. Sem especificar detalhes da ação, Jonathan afirmou ter autorizado forças de segurança a utilizarem quaisquer meios necessários sob a lei para garantir que os extremistas sejam derrotados.

— Estou determinado a proteger nossa unidade nacional e nossa estabilidade política, ao declarar uma guerra total contra o terrorismo. Garanto que esses bandidos serão afastados. Não vai acontecer do dia para a noite, mas não vamos poupar esforços — afirmou no discurso pelo Dia da Democracia.

NOVO MASSACRE EM ALDEIA

A expressão “guerra total” já havia sido utilizada pelo presidente do Chade, Idriss Deby, após um encontro com países vizinhos da Nigéria em Paris, em meados de maio. Mas a declaração de ontem não deixou clara que tipo de ofensiva estava sendo anunciada. O Nordeste do país está sob estado de emergência e sob uma ampla operação militar há mais um ano. Segundo as autoridades, 57 jovens, das mais de 270 que foram raptadas, estão livres.

Para o ativista Hussaini Abdu, doutor em Ciência Política e coordenador da ActionAid na Nigéria, a imagem do presidente está sendo seriamente afetada, local e internacionalmente.

— Um governo que é incapaz de proteger seus cidadãos já é um governo fraco. Por isso, os nigerianos estão desesperados e dispostos a aceitar o apoio de qualquer lugar. E se bem gerida, a ajuda internacional não deve enfraquecê-lo.

Anteontem, quatro estudantes sequestradas pelo Boko Haram voltaram para casa, mas não se sabe se elas conseguiram escapar ou se foram libertadas. No mesmo dia, no entanto, militantes armados montados em motos mataram pelo menos 35 pessoas na aldeia de Gurmushi, no Estado de Borno — coração do grupo extremista. (Com agências internacionais) ●



Unidos na luta. Ativistas protestam em Islamabad contra o assassinato da jovem Farzana Iqbal por parentes

PAQUISTÃO

Premier ordena investigação sobre assassinato de jovem

Familiares mataram mulher grávida a tijoladas porque ela tinha rejeitado o primo e se casado com outro homem

ANDRÉ LOBATO
andre.lobato@oglobo.com.br

Farzana Iqbal tinha 25 anos e seria mais uma das cerca de mil mulheres mortas todos os anos pela própria família no Paquistão. Mas seu assassinato causou a ira do movimento de direitos humanos, estimulado pela brutalidade do ataque ocorrido na entrada da Alta Corte de Lahore, na província paquistanesa de Punjab. Após a pressão do movimento civil local, que foi às ruas da capital, Islamabad, para protestar, o primeiro-ministro Nawaz Sharif entrou no caso e determinou ao irmão, Shahbaz Sharif, ministro-chefe de Punjab, onde ocorreu o crime, que se encarregasse da investigação.

— Foi uma morte brutal e totalmente inaceitável. Estou ordenando que o ministro-chefe aja imediatamente — disse o premier, ontem.

O pronunciamento de Sharif foi considerado raro numa sociedade em que crimes contra as mulheres normalmente passam impunes. Para o pesquisador Mustafa Qadri, da Anistia Inter-

nacional, o caso foi tão violento que mobilizou ativistas “esmagados entre as forças de segurança e o terrorismo do Talibã”:

— Até o povo paquistanês ficou chocado com a brutalidade do crime, que ocorreu em frente a uma corte de Justiça, e que deveria estar lá para defender Farzana. Uma corte que falhou em protegê-la. Mas temos milhares de Farzanas no Paquistão e em vários outros países. São lugares em que os homens são donos das identidades das mulheres, sejam seus pais ou maridos — disse Qadri ao GLOBO.

Farzana, que estava grávida, foi morta a tijoladas na terça-feira por seu pai, irmãos e primos, diante de uma multidão e dos olhos do próprio marido numa das ruas mais movimentadas de Lahore. Na visão dos assassinos e dos cúmplices, foi uma punição pela honra ferida da família. O crime da jovem: ter-se casado com o homem que amava, escapando da determinação da família, que escolhera um primo para ela. Apenas o pai foi preso. Os outros acusados estão foragidos.

Um detalhe expõe a banalidade dos crimes contra as mulheres no país: o viúvo de Farzana, Muhammed Iqbal, admitiu ter matado a primeira mulher para poder casar-se de novo. Ele chegou a ser preso, mas foi solto sob fiança e perdoado pelo filho da primeira esposa — na lei paquistanesa, o autor de um crime de honra pode livrar-se de punição se a família da vítima o perdoar. Segundo Iqbal, policiais viram o ataque a Farzana e nada fizeram.

— Eu implorei para que nos ajudassem, mas disseram que não era o dever deles — disse Iqbal.

O chefe da polícia da província, Shafiq Ahmad, negou que seus oficiais estivessem presentes. (Com agências internacionais) ●

ÍNDIA

Família desafia sistema de castas em busca de justiça

Parentes de primas encontradas mortas após estupro enfrentam inércia da polícia e preconceito contra dalits

-BUDAU, ÍNDIA- A versão inicial das autoridades policiais era a de que as duas primas de 14 e 15 anos encontradas mortas na quarta-feira, penduradas numa árvore perto do vilarejo de Katra Shadat Ganj, no Norte da Índia, tinham se enforcado. Ao tentar registrar o desaparecimento das duas na noite anterior, a família de dalits — os antigos “intocáveis”, o mais baixo grupo social no sistema de castas indiano — fora rechaçada na delegacia, segundo denúncia do pai de uma das jovens. Revoltados com o crime, membros da comunidade iniciaram um protesto, fecharam estradas e recusaram-se a permitir a retirada dos corpos — diante das câmeras de TV — até que alguma providência fosse tomada. Como resultado, o chefe de polícia acusado de barrar a investigação foi suspenso, e dois policiais suspeitos de participação no crime, presos. Mais dois homens também foram detidos e uma equipe de 50 policiais caça outros três suspeitos.

‘É UM CÍRCULO SEM FIM’, DIZ ATIVISTA

Exames indicaram que as adolescentes foram estupradas e estranguladas por um grupo de homens antes de serem penduradas nas árvores. O ataque ocorreu quando as duas se dirigiram ao campo para se aliviarem, uma vez que não dispunham de banheiros em casa. A família acusa a polícia de ter tentado proteger os criminosos por serem todos de uma mesma casta superior, os yadav.

— É um ato hediondo, bárbaro. Todo o país tem se levantado contra isso, mas todo dia ocorre esse tipo de problema — indignou-se a ativista de direitos femininos Ranjana Kumari.

Não fosse a ação da família, que mobilizou a comunidade, a história seria apenas mais uma das que fazem com que 90% dos indianos considerem o estupro um problema “muito grande na Índia”, conforme pesquisa do instituto Pew do começo deste ano. E a polícia costuma reagir com mais lentidão do que o normal, dizem ativistas, quando o crime envolve mulheres dalits.

— É um círculo sem fim. A violência continua chegando, não importa o que façamos — acusa Beena Pallicai, da Campanha Nacional de Direitos Humanos Dalits. — Toda instituição neste país é tendenciosa, então a quem podemos recorrer? ●